

EXPECTATIVAS GENERALIZADAS DE CONTROLO.

Tradução e adaptação da escala BEEGC-20

DANIEL MARQUES DA SILVA*

* Docente da Escola Superior de Saúde e investigador do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS) do Instituto Politécnico de Viseu.

Resumo

No presente trabalho é apresentada a tradução e a adaptação para português da Escala de Expectativas Generalizadas de Controlo (BEEG-20) de Palenzuela (1997). Esta bateria de escalas é constituída por 20 itens cotados de 1 a 9. É baseada na teoria de controlo pessoal do mesmo autor e avalia 3 dimensões das expectativas de controlo: *Locus* de controlo (com 3 componentes: contingência, não contingência e sorte), Auto eficácia e Expectativa de sucesso ou êxito.

Foi efectuada tradução e posterior aplicação numa amostra de 100 elementos. O Coeficiente de Spearman-Brown foi de 0.856 e a correlação teste x reteste na mesma amostra foi de 0.765, apresentando todas as subescalas correlações que estatisticamente se mostraram altamente significativas ($p=0.000$), o que revela boa consistência interna e estabilidade temporal.

Numa análise factorial com os 20 itens da versão portuguesa extraímos 4 factores que no seu conjunto explicam 60.498 da variância total. As qualidades psicométricas são apresentadas no texto.

Palavras-chave: expectativas, *locus* de controlo, contingência, não contingência, sorte, auto eficácia, êxito.

Abstract

In the present work is presented the translation and adaptation to Portuguese of the Generalized Expectations of Control Scale (BEEGC-20) by Palenzuela (1997). This battery of scales consists of 20 items rated from 1 to 9. It's based on the theory of personal control by the same author and assesses 3 dimensions of the expectations of control: Locus of control (3

Neste esquema aparecem-nos, assim, três tipos de expectativas em que as de auto-eficácia e as de *locus* de controlo podem considerar-se como determinantes da expectativa de sucesso. As expectativas de auto-eficácia referem-se aos julgamentos das pessoas sobre as suas próprias capacidades. As expectativas de *locus* de controlo (LOC) indicam em que medida os acontecimentos ou resultados que podem acontecer ou ter lugar na vida de cada um serão ou não contingentes com as suas acções e em que medida acredita na sorte. As expectativas de sucesso referem-se à avaliação subjectiva de uma pessoa na medida em que espera conseguir uma meta, um reforço ou um resultado desejado.

O conceito de expectativas generalizadas torna-se importante na medida em que permite definir algumas características pessoais, as quais possibilitam prever o comportamento humano. Contudo, convém nunca esquecer que as expectativas generalizadas são apenas uma das muitas variáveis que influenciam esse comportamento.

No que respeita ao *locus* de controlo interno versus externo, Vaz Serra (1984) refere que não é indiferente a predominância de um ou de outro tipo, na medida em que de cada um deles dependerão expectativas diferentes em relação às situações de vida. Dada a importância deste construto no funcionamento psicológico dos indivíduos, têm-se realizado numerosos trabalhos empíricos cujos resultados salientam diferenças significativas nas características pessoais dos indivíduos com diferentes *locus* de controlo.

Palenzuela *et al.* (1992) elaboraram uma escala para medir estes três tipos de expectativas de controlo sendo desenvolvida em língua portuguesa e espanhola (Bateria de Escalas de Expectativas Generalizadas de Controlo – BEEGC). Esta bateria contém 5 sub-escalas: três medem os três componentes do constructo *locus* de controlo (LOC) – contingência, não contingência e sorte, a quarta mede a expectativa de auto-eficácia e a quinta mede a expectativa de sucesso (êxito). A primeira versão apresentava 28 itens em escala *Likert* (Palenzuela *et al.*, 1992) e a segunda versão continha apenas 20 itens (quatro itens para cada sub-escala) e foi denominada BEEGC – 20 (Palenzuela *et al.*, 1997).

2 – Estudos de fidelidade e validade da BEEGC-20

Tanto quanto sabemos, a última versão da escala BEEGC-20 de Palenzuela *et al.* (1997) não foi adaptada para português, pelo que procedemos à sua tradução e adaptação e iremos apresentar os procedimentos efectuados e as características psicométricas da escala na população estudada.

A amostra foi constituída por 100 sujeitos do 1º e 2º ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu. Todos os sujeitos participaram no estudo de forma voluntária. Foi constituída por 79% de mulheres e 21%

de homens. A idade média nas mulheres foi de 19,37 anos, com desvio padrão de 1,26, e nos homens foi de 20,1 anos, com desvio padrão de 1,67.

O Instrumento

A versão original do BEEGC-20 de Palenzuela *et al.* (1997) (Anexo 1) é uma Escala de Expectativas Generalizadas de Controlo baseada na teoria de controlo pessoal de Palenzuela (1988). Segundo esta teoria o BEEGC-20 avalia 3 dimensões das expectativas de controlo: *Locus* de Controlo (Loc), Auto eficácia (A) e Expectativa de Sucesso ou Êxito (E). O *Locus* de Controlo, por sua vez é um construto com 3 dimensões: Contingência (internalidade); Não contingência (incapacidade ou incontrolabilidade) e Sorte (Quadro 1).

Quadro 1 - Estrutura da BEEGC-20 de Palenzuela

Dimensões	Itens
Contingência	1,6,11,15
Não Contingência	3,7,12,16
Sorte	5,9,13,20
Auto eficácia	2,10,14,18
Expectativa Sucesso	4,8,17,19

A BEEGC-20 é um instrumento de auto-resposta que dispõe de um tipo de escolha em escala tipo *Likert* de 9 pontos. O sujeito deve indicar para cada afirmação o número que melhor corresponda aquilo que ele pensa ou acredita (desde 1 quando completamente em desacordo, até 9 quando completamente de acordo).

Foi efectuada uma tradução do espanhol para o português (Anexo 2) por uma pessoa com conhecimento da língua¹ e, em seguida, foi administrada a 6 estudantes, tendo sido realizadas entrevistas com a finalidade de avaliar a compreensão do vocabulário utilizado e a interpretação dos itens da escala. Alguns itens sofreram pequenas reformulações para uma linguagem mais compreensível. Servimo-nos também da versão anterior do BEEGC de 28 itens, já aplicada em Portugal num estudo conjunto entre a Universidade do Minho e de Salamanca (Almeida, *et al.*, 1992; Barros *et al.*, 1993). Não foi efectuada posteriormente retroversão para o espanhol.

Qualidades psicométricas

Apesar do instrumento na versão espanhola ter sido sujeito a testes de fidelidade e validade, porque se trata de uma tradução e aplicado em populações diferentes realizamos estes testes.

¹ Agradecemos a preciosa colaboração prestada pela professora Maria del Carmen na tradução do instrumento.

A - Estudos de fidelidade

A fidelidade designa a precisão e a constância dos resultados que o instrumento fornece Fortin (1999) e diz respeito à avaliação do grau de correlação de um instrumento de medida com ele próprio. Almeida e Freire (1997) referem que estes estudos nos fornecem grau de confiança ou de exactidão que podemos ter na informação obtida.

A fidelidade pode ser estimada por vários meios, sendo os mais habituais a consistência interna e a estabilidade temporal.

A consistência interna corresponde à homogeneidade dos itens do instrumento, ou seja ao grau de uniformidade e de coerência existente entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens. Há vários indicadores que se podem utilizar e no nosso estudo utilizamos o coeficiente de correlação de Pearson dos diversos itens com o total. Esta correlação indica-nos se cada parte se subordina ao todo (Vaz Serra, 1994). Para avaliar esta consistência dos itens, teve-se em conta o referido por Nunally (1978), ou seja, a correlação entre o item e o valor global excluindo esse item, evitando, deste modo, que as relações item – nota global apareçam inflacionadas artificialmente.

O coeficiente de correlação (r) varia numa escala de 0,00 (ausência de correlação), a 1,00 (correlação perfeita). Segundo Streiner e Norman (1991) aceita-se, como norma, que são bons todos os itens que se correlacionam acima de 0,20 com a nota global, quando esta não contém o item específico.

Utilizámos o coeficiente alfa de Cronbach para os vários itens e para o total da escala. Este teste é tradicionalmente utilizado em escalas tipo *Likert*. Segundo Kline (1993) este coeficiente constitui o índice mais importante de fidelidade de um teste. A variação aceitável difere um pouco consoante os autores. Fortin (1999) citando Sechrest (1984) refere que os valores devem situar-se entre os 0,70 e 0,80. Streiner e Norman (1991) sugerem que em escalas novas o coeficiente deveria situar-se à volta de 0,70 e de 0,80, ou mais, se se trata de escalas muito rodadas. Richardson (1989), por sua vez, refere que, para grupos, esse coeficiente poderá situar-se entre 0,50 e 0,94.

Utilizámos também a correlação de Split-half que constitui uma forma de avaliar se uma metade dos itens da escala é tão consistente a medir o construto como a outra metade e o coeficiente de Spearman-Brown como indicador da consistência esperada quando aplicado o instrumento a outras amostras.

A estabilidade temporal, também chamada de teste-reteste, é avaliada pelas correlações dos resultados de um mesmo grupo de sujeitos que responderam ao teste em duas aplicações espaçadas no tempo e nas mesmas condições. Um coeficiente de estabilidade elevado significa que os valores mudaram pouco entre a 1ª e a 2ª vez em que se aplicou o teste e significa que o instrumento mede a mesma característica ou

fenômeno. Utilizamos normalmente a correlação de Pearson para dados contínuos ou correlação de postos de Spearman para dados nominais ou ordinais.

A determinação dos intervalos de tempo entre as medidas não é uniforme entre os autores e depende dos tipos de variáveis. De um modo geral, se o intervalo for muito pequeno leva ao efeito positivo da memória (a aprendizagem funciona como fonte de erro) e leva à menor probabilidade de ocorrência de mudanças genuínas sendo a fiabilidade do teste inflacionada. Se o intervalo for muito longo, quando estão em causa variáveis estado, poderá implicar o aparecimento de mudanças genuínas o que leva a subestimar as qualidades psicométricas do instrumento em causa. Richardson (1989) refere que em escalas de atitudes e opinião não pode ser o intervalo muito longo.

Na avaliação da presente escala utilizámos um intervalo de 6 semanas.

Os sujeitos que devem fazer parte deste estudo de fidelidade teste-reteste devem compreender um mínimo de 100 sujeitos (Kline 1993) ou, como referem Bryman e Cramer (1992), para se extraírem factores de uma escala, deverá haver um mínimo absoluto de 5 sujeitos por variável e nunca menos de 100 indivíduos por análise.

Relativamente ao estudo de consistência interna, a escala revelou ser um instrumento de medida com boa homogeneidade. O quadro 2 mostra a distribuição de respostas aos itens (média e desvio padrão), e as correlações obtidas (r item-total sem o próprio item) e os valores de alpha de Cronbach.

O quadro mostra-nos que as correlações obtidas entre cada questão e a nota global quando essa não contém esse item específico foram positivas. De referir contudo que nas correlações item-total há diferenças com amplitude de 5 pontos vão desde .044 até .619.

Os resultados são contudo abonatórios duma consistência interna, com um alpha de Cronbach total de .785. A escala apresentou valores do coeficiente de *Split-half* de .851 e de Spearman-Brown de .856.

Quadro 2 - BEEGC-20 – Consistência interna dos itens

Item	Média	D.P.	R item total (s/ item)	Alpha de Cronbach
1	8.200	0.898	.312	.716
2	5.500	1.732	.615	.698
3	2.180	1.578	.092	.721
4	6.850	1.622	.580	.701
5	3.760	1.627	.435	.707
6	7.780	0.927	.100	.721
7	1.760	1.240	.044	.723
8	7.870	1.276	.463	.709
9	3.910	1.775	.504	.703
10	6.960	1.384	.520	.706
11	7.610	1.262	.200	.718
12	2.530	1.507	.211	.717
13	4.930	1.986	.442	.704
14	4.210	1.950	.562	.698
15	8.370	0.928	.478	.712
16	2.560	1.659	.087	.722
17	6.820	1.653	.619	.699
18	7.130	1.260	.502	.708
19	7.220	1.185	.597	.706
20	4.040	1.740	.557	.701
Total	110.190	13.281	1.000	.785

Feito o teste de U de Mann-Whitney para verificar a sensibilidade às diferenças de géneros nos diversos itens da escala, apenas o item 10 deu uma significância marginal de 0,022.

B - Estudos de validade

A validade de um instrumento de medida mostra-nos em que medida o instrumento mede aquilo que deveria ou pretende medir (Anastasi, 1990; Richardson, 1989; Fortin, 1999). Segundo Simões (1994:323) aquilo que se valida “não é tanto o teste mas as inferências que é possível formular a partir dos seus resultados”.

Classicamente os autores fazem referência a três formas de estimar a validade: validade de conteúdo (quando o conjunto de enunciados que o instrumento contém constituem o conceito a medir), validade dos critérios (quando uma outra medida avalia o mesmo fenómeno ou conceito e entre elas há boa correlação – validade concomitante e validade preditiva), e validade dos construtos (quando o instrumento valida a estrutura teórica subjacente) (Streiner e Norman 1991; Richardson, 1989; Fortin, 1999).

Análise factorial

Hoje em dia, e tal como referem Almeida e Freire (1997), a análise factorial dos itens e dos resultados tem sido mais utilizada e com grande reconhecimento (validade factorial das várias dimensões).

Na escala original em espanhol (Palenzuela *et al.*, 1997) foi efectuada uma

validade de critério com outras escalas de outros autores (escala de Loc de Levenson, de auto-eficácia de Sherer e cols., escala de optimismo disposicional de Scheier e Carver e escala de desejabilidade social) destinadas a avaliar esses mesmos conceitos ou conceitos afins (avaliação da validade convergente e discriminante dos itens), bem como foi possível a validade dos *construtos* com a teoria que lhe está subjacente, ou seja, a concepção tridimensional das expectativas de controlo - Modelo de Controlo Pessoal de Palenzuela (1986, 1987, 1988).

Na escala original, os autores (Palenzuela *et al.*, 1997), após uma análise correlacional, efectuaram uma validade factorial/estrutural confirmatória utilizando o programa LISTREL, o qual veio a determinar as 3 dimensões de expectativas de controlo postuladas pela teoria: *Locus* de controlo (com 3 dimensões: Contingência, Não contingência e Sorte), Auto eficácia e Expectativas de Êxito.

Neste nosso estudo aplicado à população portuguesa e com o objectivo de diferenciarmos as várias dimensões e extrair as mais importantes no que respeita à variância explicada realizámos com os 20 itens da escala uma análise factorial pelo método de Rotação Varimax com normalização de Kaiser. Numa primeira análise exploratória foram extraídos 5 factores aparecendo o 5º factor apenas com um item (n.º 3) com um peso de .612 sendo que esse mesmo item apresentava no factor 4 um peso de .522. Assim numa segunda fase forçámos a análise factorial a 4 factores.

Estamos conscientes que os resultados da avaliação das escalas dependem das técnicas ou processos estatísticos utilizados. Gurin *et al.* (1979) referiu mesmo que a aplicação de dois métodos diferentes de análise factorial pode traduzir diferentes estruturas factoriais.

A solução final do nosso estudo está apresentada no quadro 3 e permitiu a extracção de 4 factores com raízes latentes superiores a 1.000 (Eigenvalues), que no seu conjunto explicam 60.498 da variância total. A saturação ou pesos de cada item são bastante elevados em cada factor, o que denota uma correlação bastante importante desse item sobre esse factor e não sobre os outros. Todos os itens apresentam pesos bastante elevados (o menor tem .587) o que permite falar de um factor geral evidenciando que todos os itens têm algo em comum.

Quadro 3 – Escala de BEEGC-20 – solução de 4 factores após análise factorial

Factor 1 Auto-eficácia/ Exp. êxito		Factor 2 Sorte		Factor 3 Contingência		tor 4 Não contingência	
Item	Peso	Item	Peso	Item	Peso	Item	Peso
2	.845	5	.847	1	.607	3	.673
4	.807	9	.811	6	.782	7	.587
8	.633	13	.863	11	.628	12	.679
10	.686	20	.906	15	.655	16	.693
14	.748						
17	.856						
18	.691						
19	.756						
Eigenvalue	4.915		3.130		2.153		1.901
% Variância explicada	24.576		15.649		10.767		9.507
% total de variância explicada 60.498							

Ao contrário do que aconteceu na Escala Original de Palenzuela (1997), no nosso estudo extraíram-se apenas 4 factores, sendo 3 deles coincidentes: Contingência, Não contingência e Sorte. Os dois factores Auto-eficácia e Expectativas de Êxito da Escala Original aparecem aqui agrupados na íntegra num único factor, que nós referenciamos genericamente como Auto-eficácia/Expectativa Êxito, o qual apresenta o maior peso na escala pois explica por si só 24.576 da variância total.

Deixamos para mais tarde uma análise/reflexão sobre estes resultados, referindo apenas que já Palenzuela *et al.* (1992) na sua escala verificou que os itens da sub-escala de êxito correlacionavam bastante com a sub-escala de Auto-eficácia e os itens da Auto-eficácia também correlacionavam bastante com a escala de Expectativa de Êxito, alguns deles até com valores mais elevados do que a própria escala. Estas duas sub-escalas eram as menos discriminantes entre si e como Palenzuela refere, alguns autores chegaram a considerar a expectativa de auto-eficácia como equivalente à expectativa de êxito.

O primeiro factor foi constituído pelos itens das escalas de expectativa de Auto-eficácia e Sucesso de Palenzuela e os outros 3 factores reflectem de forma consistente as três dimensões postuladas pela teoria de Palenzuela em relação com a expectativa *locus* de controlo.

O quadro 4 apresenta uma análise detalhada da correlação dos itens da cada uma das sub-escalas (4 factores ou dimensões).

Verificamos que os itens de cada uma das sub-escalas, todos eles se correlacionam bastante alto com a sua própria escala (o que denota uma estrutura factorial bem definida) e moderadamente com aquelas que têm alguma relação teórica entre si. Apresentam boa validade convergente – discriminante. Nenhum item se correlaciona mais com outras escalas que com a sua própria.

Quadro 4 – Correlações dos itens das sub-escalas

ITENS	C	NC	S	A/E
Contingência (C)				
1	.646**	-.120	.131	.257**
6	.704**	-.107	-.116	.102
11	.748**	-.172	-.034	.220*
15	.724**	-.075	.103	.464**
Não contingência (NC)				
3	-.214*	.678**	.091	-.076
7	-.131	.571**	.012	-.090
12	-.082	.691**	.174	-.016
16	-.051	.764**	.271	-.287
Sorte (S)				
5	-.050	.198*	.838**	.063
9	-.003	.281**	.837**	.109
13	-.005	.095	.871**	.094
20	.116	.174	.918**	.137
Auto-efic./Expect. Êxito. (A/E)				
2	.201*	-.152	.143	.844**
4	.353**	-.173	.048	.821**
8	.246*	-.102	.062	.642**
10	.363**	-.128	.042	.713**
14	.174	-.068	.132	.761**
17	.219*	-.087	.102	.841**
18	.330*	-.263**	.092	.720**
19	.442**	-.174	.070	.787**

A correlação da sub-escala **Contingência** com a sua própria escala oscila entre .646 e .748, sendo bastante altas e homogêneas. Os seus itens correlacionam também de forma positiva com a sub-escala Auto eficácia. Correlacionam de forma negativa com a Não contingência e de forma negativa ou de forma muito baixa com a Sorte, o que é condizente com a base teórica.

A sub-escala de **Não contingência** tem um padrão de correlação semelhante, apesar de não ser tão homogêneo como o anterior (de .571 a .764). Como era de esperar, os itens desta sub-escala correlacionam-se melhor com a sub-escala Sorte, já que são duas componentes do controlo externo. Com as sub-escalas Contingência e Auto-eficácia apresenta uma correlação negativa.

Na sub-escala **Sorte** todos os itens se correlacionam bastante alto com a sua própria escala e de forma bastante homogênea (.837 a .981). Tal como acontece na sub-escala anterior, também aqui a Sorte se correlaciona melhor com a Não contingência. Foi nesta sub-escala da Sorte que se encontrou maior consistência nos itens o que vem confirmar que o *locus* de controlo apresenta 3 componentes, um interno e dois externos, tal como referem Palenzuela (1988; 1992) e Barros e Almeida (1991). Correlaciona-se de forma muito baixa ou negativa com a Contingência, o que deixa supor alguma diferenciação entre estas duas dimensões (internalidade e sorte). Estes resultados apontam pois para uma confirmação da existência de 3 dimensões na

Expectativa do *Locus* de Controlo (Palenzuela, 1988): Contingência, Não contingência e Sorte.

Os valores da correlação com a Auto-eficácia /Expectativa Êxito, com a Sorte, não sendo negativos, apresentam contudo valores muito baixos. Para o êxito, a sorte é vista como tendo alguma influência.

A sub-escala **Auto-eficácia/Expectativa Êxito** apresenta também correlações bastante altas. Os valores oscilam entre .642 e .844. Palenzuela (1992) verificou na sua escala que os itens da sub-escala da Expectativa de Êxito se correlacionavam bastante alto com a Auto-eficácia e com a Contingência e os itens da Auto-eficácia com a Expectativa de Êxito e de forma positiva com a contingência.

No nosso estudo os nossos itens da Auto-eficácia /Expectativa Êxito também se correlacionam de forma positiva e significativa com a sub-escala Contingência, o que sugere que a eficácia e o sucesso são essencialmente vistos como relacionados com o controlo interno e, como tal, contingentes ao próprio comportamento ou características pessoais.

De um modo geral, verifica-se um carácter bipolar evidente entre a contingência e não contingência e entre a auto-eficácia/êxito e a não contingência.

Tanto a Não contingência como a Auto-eficácia/Expectativa Êxito apresentam correlação positivas fracas com a sorte, o que revela uma certa relação entre estas dimensões e a Sorte, podendo pois coexistir expectativas de auto-eficácia/êxito e não contingência com uma expectativa moderada de sorte.

Matriz de correlações dos factores

Uma outra contribuição para o estudo da validade da escala foi feita a partir da matriz de correlações entre as quatro dimensões da escala. O padrão de correlações aparece no quadro 5.

Como já referimos anteriormente, a Auto-eficácia e Expectativas de Êxito são em grande parte determinadas pela Contingência (Internalidade) e daí aquela dimensão correlaciona-se de forma bastante significativa com esta. A dimensão Contingência correlaciona-se negativamente com a Não contingência e de forma muito baixa com a Sorte, o que confirma a teoria de Palenzuela.

A Sorte correlaciona-se de forma significativa com a Não contingência (0,213). Apresenta uma correlação positiva fraca com a Contingência (0,022) e Auto-eficácia/Êxito (0,117). Os valores da correlação das sub-escalas Sorte e Não contingência com a sub-escala de Contingência são mais baixos que a Auto-eficácia com a sub-escala Contingência, significando que, essencialmente, é a Contingência (internalidade) a exercer influência na Auto-eficácia/Expectativa de Êxito.

Quadro 5 – Correlações de Pearson entre as 4 sub-escalas

DIMENSÕES	C	NC	S	A/E
Contingência	1.000			
Não Contingência	-0.173	1.000		
Sorte	0.022	0.213*	1.000	
Auto-eficácia/Expect. Êxito	0.363**	-0.179	0.117	1.000

Estabilidade temporal

A fidelidade da escala foi também avaliada na sua estabilidade temporal. Como já referimos, o mesmo grupo de 100 estudantes voltou a responder á mesma escala 6 semanas depois. No quadro 6 encontram-se as correlações de Pearson teste-reteste para os 4 factores da escala e para o total. Como se pode verificar nesse quadro, o coeficiente de correlação de Pearson para o total da escala é igual a 0.765 o que evidencia uma boa estabilidade temporal, pois, como nos diz Simões (1994) os valores aceitáveis do teste-reteste deverão apresentar 0.7 como valor mínimo.

Todas as sub-escalas apresentam correlações que estatisticamente são altamente significativas ($p=0.000$). A sub-escala Contingência, apesar de altamente significativa, foi a que apresentou o valor mais baixo na correlação o que significa que foi esta a sub-escala que mais mudou da 1ª para a 2ª vez.

O estudo do teste-reteste permitiu assim constatar que a estabilidade temporal é bastante regular, podendo esta escala utilizar-se em estudos longitudinais.

Quadro 6 – Escala BEEGC-20: estabilidade temporal

DIMENSÕES	r	p
Contingência	.486	0.000
Não Contingência	.611	0.000
Sorte	.776	0.000
Auto-eficácia/Expect. Êxito	.812	0.000
TOTAL	.765	0.000

3 - DISCUSSÃO

Os nossos estudos de fidelidade revelaram uma boa consistência interna com um *alpha* de Cronbach Total de .785. A escala apresentou uma boa estabilidade temporal com uma correlação de .765 e com todas as sub-escalas a apresentarem correlações altamente significativas ($p=0.000$). A análise factorial por nós efectuada (Método de Rotação Varimax) revelou, contudo, diferença a nível dos factores, pois, ao contrário de Palenzuela *et al.* (1997) que identificaram 5 factores, nós apenas encontrámos 4 factores, sendo 3 deles coincidentes e aparecendo 2 factores da escala original agrupados num só (Auto-eficácia e expectativa de êxito). Tivemos, contudo, ocasião de verificar que esta nossa estrutura factorial não foi tão inédita assim. Na

realidade, no primeiro estudo com a escala de 28 itens, Almeida (1992), quando da avaliação da análise factorial, a estrutura factorial mais consistente que encontrou também foi a de 4 factores e em que os itens das sub-escalas de Auto-eficácia e Sucesso (Êxito) se agrupavam. Barros *et al.* (1993) verificaram também que os itens de sucesso tendem a agrupar-se com os de Auto-eficácia.

A aplicação do instrumento foi num contexto específico e numa amostra reduzida. Não se pode estabelecer equivalência linear deste instrumento após uma primeira tradução e posterior aplicação em população alvo e contexto diferente, o que poderá ter alterado a fidelidade e validade dessa medida. Há necessidade de replicar esta escala em amostras mais alargadas.

Apesar de Palenzuela *et al.* (1992) identificar as 5 dimensões, o mesmo autor (Palenzuela, 1987; 1992), Almeida *et al.* (1992) e Oliveira (1996) referem que as expectativas de Auto-eficácia e de Sucesso (Êxito) estão fortemente relacionadas. Esta forte relação teórica pode explicar em parte os resultados por nós encontrados. Para os autores, contudo, isso não significa que sejam os mesmos *construtos*. A expectativa de Auto-eficácia pode ser um poderoso determinante da Expectativa de Sucesso, de modo que em muitas situações pode chegar a ser virtualmente um único determinante, podendo, contudo, haver muitas outras com um importante papel.

Outros autores têm-se debruçado sobre estes conceitos e tem existido muita discussão sobre a diferença entre ambos. O conceito de eficácia pessoal foi estudado principalmente por Bandura (1977, 1978) dentro da sua teoria da aprendizagem social, sendo posteriormente muitas vezes relacionado com o *locus* de controlo e ainda com o desânimo aprendido. Palenzuela (1986) afirma que se podem colocar 3 construtos sob a denominação geral de expectativas. No entanto, como dizem Barros, A.; Neto, F.; Barros, J. (1992), apesar desta unificação de conceitos de expectativas e de competência ou valor pessoal, é necessário uma melhor definição e validação conceptual. A confusão aparece particularmente no que diz respeito a uma segunda dimensão encontrada por Bandura – a expectativa do resultado – que ele definiu diferentemente em várias ocasiões. Bandura (1986:391) conceitua Auto-eficácia mais como uma percepção, convicção ou expectativa das próprias capacidades do que das reais competências: “*não se refere às competências que o sujeito possui, mas aos julgamentos acerca do que o indivíduo pode fazer, quaisquer que sejam as competências que possua*”.

A expectativa de resultado ou êxito é definida como uma “avaliação do sujeito de que um dado comportamento conduzirá à obtenção de determinados resultados” (Bandura, 1977:193). Digamos que as expectativas pessoais se situam entre a pessoa e o seu comportamento, enquanto as expectativas de resultado entre o comportamento e o resultado (Palenzuela, 1986).

Em geral, uma coisa é a expectativa de eficácia pessoal (crença de que sou capaz ou tenho competência para realizar determinados comportamentos em ordem a possíveis resultados) outra coisa é a expectativa de resultado (crença do que pode acontecer, dependendo de diversas circunstâncias). Um atleta pode acreditar nas suas competências para vencer determinada prova, mas isso não garante *a priori* a vitória.

A dificuldade na percepção conceptual reflecte-se a nível operacional, quando se trata de avaliar esta dimensão através de escalas. Torna-se mais fácil pensar sobre sistemas complexos do que testar empiricamente essas relações complexas. Pensamos que no nosso estudo isso poderá ter acontecido, pois que, numa primeira leitura, os itens que avaliam estes *construtos* apresentam-se semelhantes e, como tal, terão sido compreendidos da mesma forma.

Procuramos com este estudo contribuir para a existência de um instrumento de avaliação no domínio das expectativas de controlo, de modo a poder seguir-se, noutras investigações, a análise de eventuais transformações neste domínio. Trabalhos futuros numa amostra com grupos equivalentes poderão ou não confirmar estes resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. S. & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT.
- ALMEIDA, L. S. *et al.* (1992). *Estudo transcultural da Escala de Expectativas de Controlo Percebido*. Relatório final da acção integrada luso espanhola (N.º E 38). Braga: Universidade do Minho – Universidade de Salamanca.
- ANASTASI, A. (1990). *Psychological testing* (6ª ed.). New York: MacMillan.
- BANDURA, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioural change. *Psychological Review*, 84, p. 191-205.
- BANDURA, A. (1978). Reflections on self-efficacy. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 1, p. 237-269.
- BANDURA, A. (1986). *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. New Jersey: Prentice Hall.
- BARROS, A. M. & Almeida, L. S. (1991). Dimensões sócio-cognitivas do desempenho escolar. In ALMEIDA, L. S. (Ed.) – *Cognição e aprendizagem escolar*. Porto: APPORT.
- BARROS, A. M. *et al.* (1993). Bateria de escalas de expectativas generalizadas de controlo (BEEGC): estudo de adaptação para a população portuguesa. In L. S. Almeida (org.) – *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*. Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- BARROS, A. M.; Neto, F & Barros, J.H. (1992). Avaliação do *locus* de controlo e do *locus* de causalidade em crianças e adolescentes. *Revista Portuguesa de Educação*, 5, p. 55-64.
- BRYMAN, Alan; Cramer, Duncan (1992). *Análise de dados em ciências sociais: introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras: Celta Editora.
- FORTIN, Marie-Fabienne. *O processo de investigação – da concepção à realização*. Loures: Lusociência, 1999.
- GURIN, P. *et al.* (1979). Internal-external control in motivational dynamics of negro youth. *Journal of Social Issues*, 25, p. 29-53.
- KLINE, Paul (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- NUNALLY, J. (1978). *Psychometric testing*. New York: MacGraw-Hill Book Co.

- OLIVEIRA, António M. (1996). *Atribuições causais e expectativas de controlo do desempenho na matemática*. Universidade do Minho: Serv. Publicações Instituto de Educação e Psicologia.
- PALENZUELA, D. L. (1986). A literature review of some problems and misconceptions related to locus of control, learned helplessness and self-efficacy. *Social and Behavioural Sciences Documents*, 16, p. 11.
- PALENZUELA, D. L. (1987). The expectancy construct within the social learning theories of Rotter and Bandura: A reply to Kirsch's approach. *Journal of Social Behaviour and Personality*, 2, p. 437-452.
- PALENZUELA, D. L. (1988). Refining the theory and measurement of expectancy of internal versus external control of reinforcement. *Personality and Individual Differences*, 9, p. 607-629.
- PALENZUELA, D. L. et al. (1992). *Estudo transcultural da Escala de Expectativas de Controlo Percebido (ECP). Relatório final da ação integrada luso-espanhola (Nº E-38)*. Braga: Universidade do Minho – Universidade de Salamanca.
- PALENZUELA, D. L. et al. (1997). Una versión Española de una batería de escalas de expectativas generalizadas de control (BEEGC). *Revista Portuguesa de Educação*, 10 (1), p. 75-96, I.E.P. da Universidade do Minho.
- RICHARDSON, Roberto J. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 2ª ed., São Paulo: Atlas.
- ROTTER, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80, p. 1-28.
- ROTTER, J. B. (1975). Some problems and misconceptions related to the construct of internal versus external control of reinforcement. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43, p. 56-67.
- ROTTER, J. B. (1982). *The development and application of a social learning theory. Selected papers*. New York: Praeger.
- SIMÕES, M. (1994). *Investigações no âmbito da aferição do teste das matrizes progressivas de Raven*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.
- STREINER, D. L. & Norman, G. R. (1991). *Health measurement scales: practical guide to their development and use*. Oxford: Oxford University Press.
- VAZ SERRA (1994). *IACLIDE: Inventário de avaliação clínica da depressão*. Coimbra: Edição Psiquiatria Clínica.

ANEXO - 1

Versão Original da BEEGC-20

(Batería de Escalas de Expectativas Generalizadas de Control)

Autor: Palenzuela, et al. (1997)

Instruções. A continuación encontrarás una serie de afirmaciones relacionadas con algunos aspectos relevantes de tu vida. No hay una respuesta mejor que otra, cada uno tiene sus propias opiniones y forma de pensar. Lee cada frase y rodea con un círculo en el margen de la derecha un número, según estés más o menos de acuerdo con cada afirmación; desde "1" (estás totalmente en desacuerdo con la afirmación en cuestión) hasta "9" (estás totalmente de acuerdo).

No hay, por lo tanto, contestaciones buenas o malas, correctas o incorrectas. No obstante, no emplees mucho tiempo, trata de contestar de forma espontánea nada más leer cada afirmación.

Por favor, responde a todas las afirmaciones, no dejes ninguna sin contestar.

	Completamente em DESACORDO	Completamente em ACORDO
1. Lo que yo pueda conseguir en mi vida tendrá mucho que ver con el empeño que yo ponga.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
2. Son pocas las ocasiones en las que dudo de mis capacidades.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
3. No merece la pena en absoluto esforzarse ni luchar en este mundo, todo está corrompido.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
4. Normalmente, cuando deseo algo pienso que lo conseguiré.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
5. Lo que pueda sucederme en mi vida tendrá que ver con la suerte.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
6. Dependiendo de cómo yo actué así me irá en la vida.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
7. De nada sirve el que yo sea o no competente pues la mayoría de las cosas están amañadas.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
8. Tengo grandes esperanzas de conseguir las cosas que más deseo.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
9. Sin la suerte poco se puede conseguir en la vida.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
10. Me siento seguro de mi capacidad para realizar bien las tareas de la vida diaria.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
11. En general, lo que pueda sucederme en mi vida estará en estrecha relación con lo que yo haga.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
12. Para qué engañarnos!, lo único que cuenta en esta vida son los "enchufes".	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
13. Para poder conseguir mis metas deberá acompañarme la suerte.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
14. Raramente me invaden pensamientos de inseguridad en situaciones difíciles.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
15. Si lucho y trabajo duro podré conseguir muchas cosas en la vida.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
16. Nada importa lo que yo valga, todo está manejado por la gente con poder.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
17. Soy optimista en cuanto a la consecución de mis metas.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
18. Me veo con capacidad suficiente para enfrentarme a los problemas de la vida.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
19. Creo que tendré éxito en las cosas que más me importan de la vida.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	
20. Creo mucho en la influencia de la suerte.	1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9	

ANEXO - 2**Versão Portuguesa da BEEGC - 20****(Bateria de Escalas de Expectativas Generalizadas de Controlo)**

Autor: Palenzuela et al. (1997)

(Tradução e adaptação Daniel Silva)

Encontrarás a seguir uma série de afirmações relacionadas com alguns aspectos relevantes da tua vida. Não há uma resposta melhor do que a outra, cada um tem as suas

próprias opiniões e forma de pensar. Lê com atenção cada frase e assinala com um círculo ou uma cruz o número que mais corresponde àquilo que pensas ou em que acreditas: desde “1” (estás completamente em **DESACORDO**) até “9” (estás completamente de **ACORDO**)

Não há, portanto, respostas boas ou más, correctas ou incorrectas. Responde rapidamente. Não te demores muito tempo com cada pergunta. Por favor, responde a todas as afirmações.

	Completamente em DESACORDO	Completamente de ACORDO
1. Aquilo que eu posso alcançar na minha vida terá muito a ver com o meu empenho.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
2. São poucas as ocasiões em que eu duvido das minhas capacidades.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
3. Estou convencido que não vale a pena esforçar-me nem lutar neste mundo, porque tudo está corrompido.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
4. Normalmente, quando desejo alguma coisa penso que a conseguirei obter.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
5. Aquilo que me vier a acontecer na vida terá muito a ver com a sorte.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
6. Dependendo do modo como eu actue, assim decorrerá a minha vida.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
7. De nada serve que eu seja ou não competente, pois a maioria das coisas está decidida.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
8. Tenho grande esperança em conseguir as coisas que mais desejo.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
9. Pouco se alcança na vida sem sorte.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
10. Sinto-me seguro das minhas capacidades para realizar correctamente as tarefas da minha vida diária.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
11. De um modo geral, o que me vier a acontecer na vida estará em estreita relação com o que eu fizer.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
12. Para quê iludir-me! A única coisa que conta nesta vida são as “cunhas”.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
13. Para poder atingir os meus objectivos, deverá acompanhar-me a sorte.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
14. Raramente me invadem pensamentos de insegurança nas situações difíceis.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
15. Se lutar e trabalhar com perseverança, poderei conseguir muitas coisas na vida.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
16. De nada importa o que eu valha, pois tudo está manipulado pelas pessoas com poder.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
17. Sou optimista em relação à conquista dos meus objectivos.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
18. Sinto que tenho capacidade suficiente para enfrentar os problemas da vida.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
19. Creio que terei êxito nas coisas que mais me interessam na vida.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	
20. Creio muito na influência da sorte.	1-2-3-4-5-6-7-8-9	